



Orlando Rodrigues

Zé Delgado

"A vida tem-me dado mais do que eu podia imaginar"

Zé Delgado é, hoje em dia, um dos grandes cantautores de Cabo Verde e, para não fugir à regra, vive no estrangeiro, mais precisamente no Luxemburgo, onde, actualmente, está a concretizar um grande sonho: estuda no conservatório de música daquele país europeu, e já vai no terceiro ano. Tem no mercado o CD "Última Gota de Sol" e, em projecto, a intenção de gravar um disco acústico de música tradicional. O antigo integrante do grupo X-Treme e autor de "Herança de Nha Raça" esteve em Cabo Verde e com ele tivemos uma Conversa Viva. Nessa entrevista, Zé Delgado dá a conhecer um pouco do que é como artista e como homem, abre o cantinho onde guarda os sonhos, fala das suas preocupações em relação aos grandes problemas de Cabo Verde e do mundo e revela que, tanto em termos materiais como espirituais, tem tudo o que o torna feliz.

O que é que ocupa o Zé Delgado neste momento?

Neste momento estou a investir no meu futuro musical, fazendo o conservatório. Nós, os cabo-verdianos, temos uma relação especial com a música mas os nossos conhecimentos, em regra, são empíricos e intuitivos. Achei que tinha de aprofundar um pouco mais o domínio da profissão que escolhi para viver e ganhar mais consciência musical, e estou já no terceiro ano do conservatório no Luxemburgo, onde vivo. Estou a adquirir os conhecimentos que me faltam para, no futuro, desenvolver um trabalho mais maduro e com maior qualidade.

Muito poucos artistas cabo-verdianos vivem exclusivamente da música. No seu caso, qual é a situação?

Eu vivo exclusivamente da música porque a filosofia que sigo é que uma pessoa deve fazer na vida aquilo de que

gosta. Uma vez que eu gosto da música, vivo da música. Aliás, quando me perguntam se vivo só da música, respondo: vivo todo da música, porque a música é algo de enorme que transcende a vida das pessoas. O que, no fundo, querem saber, é se o que ganho é suficiente para me sustentar a mim e à minha família. Graças a Deus, não tenho de que me queixar. Posso tudo o que quero e me faz feliz. Tanto em termos espirituais como no domínio material, posso dizer que me sinto realizado.

Costuma-se dizer que um ser humano satisfeito é, tendencialmente, alguém com bons instintos. Esta descrição pode ser aplicada ao Zé Delgado?

Julgo que sim, porque acho que consegui compreender o que é realmente importante na vida. Pelo menos para a minha, e entendo que a vida tem-me dado mais do que podia imaginar.

E como é que logrou chegar a este estado de equilíbrio entre o material e o espiritual?

Penso que cada pessoa tem o seu percurso, e o meu conduziu-me naturalmente ao lugar e ao momento em que me encontro. Sou bastante espiritual e tenho uma vida interior bastante intensa, e é nela que procuro os meus equilíbrios e a minha harmonia. Tento criar o meu próprio mundo dentro deste mundo maior em que todos vivemos, sem no entanto procurar esconder-me. Mas isso só é possível se formos fortes, porque é muito fácil desviarmo-nos do caminho que traçámos. Há coisas negativas que nos acontecem mas temos de saber transformá-las em lições que nos ajudem a encarar o futuro com optimismo.

Qual é o papel da sua família em tudo isso?

Nem sempre a família nos transmite bons exemplos, mas muitas vezes os maus exemplos mostram-nos exactamente o que não devemos fazer. Por isso, temos de estar muito atentos para captar o que é bom e expurgar o que é mau, aproveitando sempre as lições que possamos retirar de cada situação.

Mas suponho que uma boa parte do seu equilíbrio vem da sua família...

Sim, naturalmente. Tenho quatro filhos, duas meninas e dois rapazes que são o meu tesouro, uma maravilha na minha vida. Antes de os ter eu era bastante independente e sonhador, posso até dizer que um bocadinho irresponsável e aventureiro. Depois, tudo mudou. Anteriormente eu ia para onde a música me levava. Hoje em dia eu é que conduzo a minha própria música.

Há diferenças no seu relacionamento com as meninas e com os rapazes?

Posso dizer que sim. Mas essencialmente, o que procuro fazer com todos é transmitir valores e procurar ser um exemplo, sem deixar de viver a minha própria vida. Trabalho para lhes dar as ferramentas de que precisam para saberem escolher e seguir cada um o seu percurso, de acordo com o seu carácter e a sua vocação. Mas procuro interferir o mínimo possível nessa escolha.

Que importância têm as mulheres na sua vida. Que papel lhes reserva?

As mulheres têm uma importância muito grande na minha vida. Desde logo a minha mãe e as minhas filhas estiveram, estão e estarão sempre presentes no que sou e no que faço. Também tenho a mulher como musa, como a entidade que me inspira no meu processo criativo. Eu acho que toda a sensibilidade que as pessoas têm é herdada das mães. A minha sensibilidade, pelo menos no campo artístico, tem inequivocamente essa origem. As

mães é que nos ensinam a amar e a fazer-nos amados. É um grande dom que nos é transmitido por elas e que, no meu caso, me faz imensamente feliz.

Tem, neste momento, alguma musa em particular?

Já tive grandes histórias com mulheres na minha vida, e espero continuar a tê-las. Para desfrutar do amor e do prazer porque entendo que a vida também é uma busca permanente do prazer, e as relações entre homem e mulher, além do amor, devem ser uma fonte de prazer. Na minha música falo muito de amor pela minha terra e pelas mulheres da minha terra, porque temos uma raça especial, com mulheres fabulosamente bonitas, tanto exterior como interiormente. Penso que a arte é feminina, e em Cabo Verde por maioria de razões. Quando o artista está em contacto com aquilo que o inspira, desencadeia-se uma espécie de processo de fecundação e de gravidez e, no fim, nasce a obra.

Então, no seu entender, o processo criativo é como uma fecundação e a produção artística é uma espécie de parto?

Sim, sem dúvida! E é aqui que se dá o encontro espiritual entre a mulher e o artista. E quando digo isto, estou a pensar essencialmente na mulher cabo-verdiana, natural desta terra espectacular que temos. Eu até tenho a certeza de que, se vier a poder programar a minha vida numa próxima incarnação, voltarei a nascer cabo- verdiano



porque penso que Cabo Verde, daqui a 100 ou 200 anos, será um paraíso na Terra. Aliás, já o é. Imagine o que será daqui a mais tempo se conseguirmos conservar tudo o que temos de bom: princípios, valores e até o nosso universo físico.

O Zé Delgado deixou Cabo Verde para ir viver no Luxemburgo. Conseguiu preservar esse mundo crioulo que tanto diz prezar?

O meu mundo crioulo vive dentro de mim. Levo-o para qualquer lugar aonde vou. Quando saí de Cabo Verde emigrei originalmente para Itália e daí fui para o Luxemburgo, onde vivo desde 1996. Mas tenho um grande problema, que é não saber viver longe de Cabo Verde porque, quando estou longe, sofro muito. O corpo está lá fora mas a alma está cá. É por isso que mantenho um contacto permanente com a minha terra. Infelizmente, ainda não estou materialmente preparado para vir viver em Cabo Verde, embora seja a coisa que mais quero e que espero concretizar em breve.

O que é que falta?

A principal razão tem a ver com os meus filhos, três dos quais nasceram no Luxemburgo e têm lá as suas raízes. Arrancá-los do lugar onde nasceram e onde têm tudo, nomeadamente boas oportunidades de estudo e de formação, seria pensar apenas em mim, numa atitude egoísta.

Quanto à comida? Os pratos de Cabo Verde estão presentes no seu dia-a-dia?

A minha comida foi sempre a de Cabo Verde. Mesmo vivendo longe não perco o contacto com os pratos típicos daqui. Eu mesmo cozinho alguns, e a minha especialidade é um caldo de peixe com camarão e leite de coco, que faço como ninguém. Só que, como não bebo, acompanho tudo com chá, que bebo muito, mais ou menos umas cinco ou seis canecas por dia. As pessoas estranham às vezes, mas é a minha opção, deixei conscientemente de usar bebidas alcoólicas. Nunca fui um consumidor exagerado, sempre bebi socialmente, mas há alguns anos decidi levar uma vida mais equilibrada e saudável, e tomei essa opção.

O alcoolismo é algo que o preocupa?

Muito. Tenho visto muitas pessoas, jovens com promessas de vidas e carreiras brilhantes que acabaram ficar pelo caminho por causa do álcool. Conheço muitos que se auto-destruíram dessa forma e sempre que venho a Cabo Verde e assisto a essas situações fico muito triste. Não é por acaso que a minha última composição, “Ondê Quê Luz de Bô Strela?” é sobre esse tema. A música é dedicada às pessoas que perderam o seu brilho natural devido ao consumo abusivo de álcool.



Em termos musicais, quais são os seus actuais projectos, além de terminar o seu curso no conservatório?

O meu mais recente disco foi “Última Gota de Sol”, que estou ainda a promover. A minha ideia era lançar um DVD mas acabei por desistir porque fazer grandes produções neste momento é bastante arriscado devido às condições do mercado. Por isso, optei por gravar alguns videoclips que estou a divulgar através do Youtube. É uma opção que acarreta menos custos e tem a vantagem de proporcionar uma divulgação de carácter universal. Mas o meu grande projecto, que estou ainda a idealizar, é o de fazer um CD acústico de música tradicional, o que constitui, aliás, um sonho antigo. Toco guitarra e no conservatório estudo piano, e será com base nesses dois instrumentos que tenciono gravar esse trabalho. ■